

## NO DRAMA DO MOLEQUE E O CORONEL A MODERNIZAÇÃO SEGUNDO JOSÉ LINS DO REGO

Prof. Dr. Victor Hugo Adler Pereira<sup>1</sup> (UERJ)

### Resumo:

O trabalho apresenta um estudo de obras de José Lins do Rego em que as alternâncias de ponto de vista entre o proletário (moleque) e o latifundiário (coronel) se aliam aos meandros das referências autobiográficas, possibilitando relativizar princípios e preconceitos que sustentavam a ordem patriarcal colocados em questão no surto modernizador dos anos 1930. O romance *O Moleque Ricardo* (1935) e principalmente *Usina* (1936) são o objeto desse estudo. Entre eles, estabelece-se um elo de continuidade na apresentação da trajetória do protagonista, um jovem negro, agregado do engenho Santa Rosa, que decide abandonar os limites que lhe estavam destinados no campo e arriscar a vida na cidade.

**Palavras-chave:** José Lins do Rego, regionalismo modernista, literatura e modernização.

### 1 Introdução

Em pesquisa que venho realizando sobre os rumos da modernização brasileira e seus impactos na literatura brasileira dos anos 1930 e na atualidade, evidencia-se a importância das oscilações de ponto de vista narrativo em obras de escritores identificados com o chamado regionalismo nordestino dos anos 30. A começar pelo grande escritor surgido no bojo desse movimento, Graciliano Ramos, que exercitou a aproximação do outro, experimentando em cada um de seus diferentes romances uma técnica específica na construção do narrador: com variadas inflexões adotadas no ponto de vista interno, jogos especulares, formas variadas de apropriação do material autobiográfico, e até mesmo a sofisticada aproximação da percepção do animal em *Vidas Secas*. Também na obra de Jorge Amado essa oscilação acompanhará a tentativa de focalizar o outro: incorporar a perspectiva das classes populares sobre as transformações sociais do Brasil que o autor, em alguns momentos de sua trajetória, interpretará prioritariamente a partir das referências do pensamento de esquerda. Como veremos, no decorrer deste trabalho, essa questão adota contornos especiais também na obra de outro grande ficcionista nordestino desta geração, José Lins do Rego.

Numa primeira aproximação desse problema, venho procurando discutir as motivações dessa oscilação de pontos de vista que suscita muitas vezes contradições ideológicas passíveis de ser atribuídas aos escritores. Considero nesse sentido a perspectiva dos estudos baseados na perspectiva bakhtiniana sobre o dialogismo e o “discurso retomado”, sobretudo as considerações que alargam a dimensão sobre os modos com que se tecem no texto narrativo as modalidades da citação, apropriação ou comentário crítico do discurso do outro. Conforme observou CUNHA (2002, p. 166), “é por meio das formas marcadas e não marcadas de dialogismo que percebemos a posição e os pontos de vista do enunciador do discurso atual, o grau de distância ou de adesão aos discursos dos enunciadores citados ou mencionados, e os lugares ocupados por eles.”

No caso da obra de José Lins do Rego, o problema coloca-se de um modo mais complexo porque o universo ficcional se articula, mantendo traços de continuidade e renovação, através de várias obras: no chamado “ciclo da cana de açúcar” pelo menos, as obras se complementam e os pontos de vista dialogam entre diferentes personagens e a

perspectiva do autor, declaradamente memorialista, também se corrige e modifica. É importante lembrar que o autor, no final de sua trajetória literária, refaz a perspectiva ingênua do menino, descendente de latifundiários, com um romance memorialista de caráter mais crítico ao universo instituído sob o mando do coronel José Paulino, Bubu, seu avô. O romance inaugural, *Menino de Engenho*, publicado em 1932, é retomado e reformulado em *Meus Verdes Anos*, de 1956, ano anterior a seu falecimento. Na obra desse ficcionista, a troca de olhares entre diferentes personagens, registra perspectivas complementares ou discordantes sobre as transformações que acompanham a modernização da sociedade nordestina, em especial no meio rural. Incluem-se nessa variação de perspectivas registradas na obra aquelas que se devem às hesitações e mudanças ocorridas com o escritor-narrador-protagonista no decorrer de sua vida.

Apresento neste trabalho um breve estudo sobre a utilização desse recurso, que prioriza o romance *Usina*, fazendo referências à obra anterior à qual dá continuidade, *Moleque Ricardo*. Considero que a hipótese de que essa oscilação, ao contrário de se constituir em um aspecto “condenável” ou mais “fraco” da obra desse escritor - ou conforme Walnice Nogueira BRANDÃO (1976. p. 18) aponta em relação a Jorge Amado, como uma via possível de flutuação ideológica e de “concessão” a diferentes setores influentes no mercado livreiro - oferece elementos especialmente singulares para a compreensão de uma etapa do processo de modernização brasileira, um pouco anterior e contemporânea ao Estado Novo, mas que ainda reflete na atualidade histórica.

## **2 Vozes e visões alternativas no espaço romanesco**

A voz narrativa dos romances *Moleque Ricardo* e *Usina* de José Lins do Rego constitui-se a partir de um procedimento consagrado na tradição do grande romance do século XIX: mesmo com o uso da terceira pessoa, estabelece a cumplicidade com um ponto de vista de um sujeito que, por sua origem social ou pela degradação de seu *status*, adota uma visão crítica ou destoante em relação a seu ambiente. A cumplicidade com esta posição distanciada permite ao romancista passar a limpo os aspectos que considera críticos ou contraditórios, diante do senso comum, na realidade de sua época. É este o procedimento que pode ser constatado, por exemplo, em dois romances considerados clássicos da literatura burguesa, francesa e mundial, como o *Père Goriot* (1835) de Balzac e *Le Rouge et le Noir* (1830) de Stendhal. Em ambos, a experiência de aproximação da chamada boa sociedade de um jovem protagonista, de origem camponesa, permite colocar em questão as regras de comportamento e a ética que se vai solidificando pela expansão da burguesia na sociedade francesa do século XIX, no instável período pós-revolucionário.

Esse recurso permite também trazer para a literatura o ponto de vista divergente ou paralelo ao que se enraíza nos setores da sociedade em que se situa a maioria dos leitores de literatura – franqueando, por exemplo, a investigação de subjetividades em modalidades de experiências humanas pouco acessíveis ao leitor/à leitora das classes mais favorecidas. Outro dado enriquecedor em relação a este procedimento é o fato de conferir um estofado de humanidade a indivíduos que estejam relegados à condição tão rebaixada de uma “vida sem valor”, que podem ser aproximados da figura do *homo sacer*, conforme é descrita por Giorgio Agamben (2004. p.146). Um sintoma dessa tentativa de resgate para a literatura de uma parcela da população que não costuma ser objeto de interesse desta se revela pelo uso da linguagem coloquial e a tentativa de reprodução da oralidade no romance. Giorgio Agamben, em escrito recente sobre a dificuldade da leitura, chama a atenção para o papel da oralidade na literatura e o empenho que a literatura revelou, mesmo em obras consideradas monumentais, em resgatar, não somente modos de falar de setores da

população subalternizados, mas perspectivas obliteradas e excluídas pela escrita. O filósofo acaba por arriscar a hipótese de que “a literatura italiana do século XX seja toda ela atravessada por uma memória inconsciente, quase por uma afanosa comemoração do analfabetismo” (AGAMBEN, 2013. p.46).

### **3 O olhar do moleque sobre o campo e a cidade**

A exploração da oralidade e a aproximação de tipos humanos colocados nos patamares mais baixos da escala social se associam nos romances de José Lins à criação de personagens que se caracterizam como deslocados do meio social em que vivem. Com isso, em alguns romances de José Lins do Rego, o romancista navega pelos meandros de experiências humanas pouco convencionais, procurando imaginar as sensações e as fantasias que suscitam nos sujeitos nelas envolvidos. Um exemplo, nesse sentido, se encontra em *Moleque Ricardo* e *Usina*, nas ambiguidades do protagonista em relação à sexualidade e ao convívio afetivo. No primeiro destes romances, com o desagrado do protagonista quando a esposa revela desejo sexual acentuado, que não corresponde à sua expectativa; e, posteriormente, com sua repugnância quase impiedosa diante de sua condição de tuberculosa. No romance *Usina*, que dá continuidade à saga do protagonista Ricardo, com o desejo e nojo que acompanham a descoberta da possibilidade de uma relação homoerótica.

O fato de se envolver afetivamente com outro homem provoca uma percepção de diferenciação em relação aos presidiários com que o protagonista convive na colônia penal em Fernando Noronha – espaço em que foi encerrado como punição à participação em movimento grevista focalizado no fim do romance *Moleque Ricardo*. A narração explora seus sentimentos contraditórios e inconfessáveis de desejar permanecer na ilha-prisão, ao contrário dos companheiros, por ter encontrado uma relação afetiva que, no entanto, não podia aceitar como positiva:

Ricardo sempre que estava com os amigos era para se sentir cada vez mais fora deles, fugido das preocupações e dos desejos daqueles pobres que ele vira sofrendo, castigados sem que tivessem feito coisa nenhuma. No entanto o que se passava, o que ia vivendo em Fernando, contando-se, não se acreditava. Até nem tinha saudade do Recife. Todos ali, quando falavam em voltar, era com a ambição de ganhar um tesouro, de ver o mundo outra vez, sentir-se gente, pessoa humana. Ele não. Era uma vergonha pensar nisto. Um homem em Fernando de Noronha sem vontade de que os seus dias de degredo corresse, fossem para o inferno. O que seria aquilo? Doença ou castigo do céu? Bem que podia ser castigo (REGO, 2006. p. 686).

No final do romance *Usina*, Ricardo, depois de ser baleado por um pistoleiro às ordens do dono da venda em que trabalhava e pisoteado pelos retirantes famintos, é acolhido por sua mãe. Ressurge a figura de Seu Manuel, conferindo um novo sentido para as considerações no começo do romance sobre aquela relação:

Depois levaram Ricardo para a casa de Mãe Avelina. O moleque estendido na cama da mãe, só tinha de vivo os olhos, andando de um lado para outro. Avelina passava a mão pela cabeça, alisando. Seu Manuel, na ilha, fazia aquilo. Era a mão de seda de Seu Manuel que ele estava sentindo. Naquela noite começara a relampejar nas cabeceiras do Paraíba (REGO,

2006. p. 908).

A cena se constrói de modo paralelo à evocação, em outra passagem do romance, das noites com Seu Manuel. Os ruídos da natureza, com sua força, do lado de fora, e o acolhimento carinhoso nos braços da mãe, na hora da morte, associando-se aos sentimentos experimentados junto a Seu Manuel, deixando claro que era à figura maternal que se associava o prazer inexplicável junto ao homem.

Nos romances *Moleque Ricardo* e *Usina* exploram-se as oscilações de perspectiva do protagonista quanto à vida no engenho Santa Rosa. Deslocam-se para o texto desses romances avaliações que se contradizem, nos devaneios ou percepções do personagem, que retomam aquelas apresentadas pelo autor no seu *alter ego*, o protagonista de *Menino de Engenho*, ou posteriormente, no jovem literato que volta ao engenho do avô em Banguê. A cena que apresenta o momento de retorno de Ricardo ao engenho Santa Rosa, no início do romance *Usina*, revela a importância que terá a experiência de deslocamento do meio rural para as atitudes futuras do personagem:

E enquanto o trem corria, Ricardo sonhava. Há não sei quantos anos num banco daquele viera para a terra, aonde os negros eram mais livres, mais do que no engenho, aonde, em vez de alugados, seriam empregados, tivessem regalia de homem livre, pudessem mandar em sua vida. Tivera a vida nas mãos e fora aquela desgraça (REGO, 2006. p. 710).

As conversas dos companheiros de viagem no trem, um “cozinheiro” - segundo se informa alguém que exerce função técnica no processamento da cana-de-açúcar - e um comerciante de alimentos, evidenciam diferentes aspectos do impacto da modernização no campo, como: a especialização da mão de obra, criando relações pautadas pela eficiência, com a introdução de especialistas mais qualificados e o desprezo aos artesãos locais; a expansão e exclusividade da monocultura, eliminando a agricultura de subsistência e, conseqüentemente, uma margem de autonomia dos agricultores no comércio de seus produtos. E o narrador arremata esses diálogos caracterizando o alheamento de Ricardo, na quele momento, quanto às informações sobre as mudanças ocorridas na terra diante da plenitude da sensação de estar retornando a um lugar com que se identificava:

Ricardo ouvia calado a conversa dos companheiros. As terras que avistava pela janela do trem já se pareciam com as suas. A várzea do Paraíba estava ali coberta de cana, estendida pelas margens do rio, subindo até o pé das caatingas. A cana subia e descia pelas encostas. O homem da Catunda gabou a cana:

- Canão!

Só vira assim na várzea de Goiana.

O moleque gozou o elogio da terra, como se fosse para ele. O rio descia com água barrenta. Corria manso, sereno, sem aquela raiva das enchentes perigosas. Aquele era o seu rio, a água barrenta dos seus banhos, das travessias, dos cangapés (REGO, 2006. p. 712).

A identificação com a natureza se revela acima das questões que se colocam sobre sua utilização pela expansão econômica que a atinge. O narrador, em discurso direto livre, conclui a avaliação de Ricardo, justificando sua indiferença aos comentários que ouvia – e que se revelarão justificáveis no decorrer do romance *Usina*. No entanto, a continuidade de *Usina* vai demonstrando gradativamente o caráter ilusório da possibilidade de reencontrar

nas terras do Santa Rosa um ambiente menos hostil que o da cidade.

O corte temporal na narração realiza-se com a chegada do trem à propriedade do antigo engenho, encerrando a primeira parte do romance, chamada “Retorno”, para dar início à segunda denominada “Usina” (o mesmo título que o romance), em que logo de saída observa-se que o protagonista não será mais o moleque Ricardo e sim o Dr. Juca. Somente no capítulo VI dessa segunda parte volta a ser focalizada a volta de Ricardo. Conclui-se, então, que a experiência do novo contato de Ricardo com o Santa Rosa, que fora afetado pelas transformações pela transformação em usina, contradiz totalmente as suas expectativas e dá razão às explicações dos dois interlocutores com quem travara contato no trem:

Quando Ricardo chegou do Recife encontrou o seu povo desterrado. Ele viera pensando no Santa Rosa. (...) Foi andando e nada que via já fora visto por ele. Aquilo era uma terra nova. As estradas sem cajazeiras. Parecia que alguém tivesse cortado os seus cabelos bonitos. O sol cobria o caminho e a cerca de arame que vinha até em cima da estrada. Tudo que era terra estava coberto de cana (REGO, 2006. p. 750).

Portanto, como informara o comerciante no trem, a monocultura tomara conta de tudo, desalojando inclusive os antigos moradores das terras do engenho. Também o ambiente hostil, pouco propício a relações afetivas é percebido no parágrafo seguinte de registro das impressões de Ricardo em sua volta às terras do Santa Rosa:

Ricardo foi se chegando. E com pouco viu a usina, nua, amarelada, de chaminé comprida, com um fumaceiro saindo pelas telhas de zinco. Trens de cana espichavam-se pela antiga bagaceira. E ali, onde fora a casa de purgar, estendia-se uma esteira, rolando, levando comida para as moendas. O moleque ficou um tempão olhando para tudo. Um povo, que não conhecia, conduzia burros, descarregando carroças de cana. Lá por dentro deveria ser um formigueiro. O moleque porém queria era ver a sua gente (REGO, 2006. p. 750).

Um pouco adiante nesse capítulo, o moleque encontra o novo coronel na calçada da casa-grande do Santa Rosa. Era o Dr. Juca que o reconheceu como o moleque que havia fugido ainda adolescente. Nesse momento, fica claro que sua experiência fora do engenho tinha-lhe propiciado conseguir uma posição diferenciada dos outros cabras do eito. Depois de falar com o Dr. Juca, fica um tempo parado, observando o ambiente a seu redor, como paralisado: sente que não é mais um cabra como os outros, sua aparência mudara. Novamente se exprime a sensação de não ser mais o mesmo entre os seus; como ocorrera, por outros motivos, na prisão de Fernando de Noronha:

E ficou assim na calçada um tempo enorme. Sentia frio pelo corpo. E era de tarde. Lembrou-se da mãe, dos irmãos. Tinha vindo para viver com eles. Que frio era aquele, que lhe tomava os passos? Seria a doença de Simão? O povo que passava pela calçada, olhava para ele com espanto. Era sem dúvida para as botinas e para a gravata. Negro de luxo ali assim era raro (REGO, 2006. p. 751).

Vale destacar a topologia que se torna expressiva nessa cena: o moleque estava na calçada da casa-grande, exposto aos olhares dos outros homens e mulheres do eito. Nesse espaço liminar da casa-grande, ele reconhece que é visto como alguém diferente, “um preto de luxo”.

#### 4 O coronel e a usina

Ao alternar o ponto de vista da narrativa, priorizando na segunda parte a perspectiva do Dr. Juca sobre a de Ricardo, o romance *Usina* passa a se desenvolver pelo registro das transformações sociais, das mudanças na família e no caráter desse jovem coronel pela dinâmica das flutuações econômicas. Portanto, a partir da segunda parte, o coronel passa a ser o protagonista, e o registro das mudanças naquele espaço baseia-se na perspectiva deste, em que predomina o cálculo das vantagens e prejuízos decorrentes da introdução de novas relações de trabalho e novas tecnologias, eximindo-o até mesmo da responsabilidade pelas consequências sociais da exploração econômica, atribuída à usina, encarada como uma entidade sobre-humana:

A Bom Jesus vivia dos braços sertanejos. Os moradores antigos do Santa Rosa haviam emigrado para outros engenhos, atrás de uma servidão que não fosse tão pesada. Eles mesmos não culpavam o Dr. Juca. Era a usina que mandava nas coisas (REGO, 2006. p. 767).

E um pouco adiante, através desse ponto de vista, explicam-se os motivos da fuga dos trabalhadores do eito para a condição de operários na usina:

Mais para o alto, o Dr. Juca via o arruado que mandara construir para os operários da fábrica. A gente, que vinha trabalhar nas máquinas, no cozinhamento, exigia, não se conformando com as casas de palha dos moradores. (...) Por lá moravam os chamados operários da usina. Não seriam nunca submissos e fáceis de ser mandados como os homens do campo, os trabalhadores de dois mil-réis por dia, que recebiam vale da usina, a carne-de-ceará e a farinha seca, de cabeça baixa, satisfeitos da vida, como se a vida só tivesse de grande para lhes dar aquela miséria que desfrutavam.

O usineiro gastara os cobres naquele arruado. Lá moravam Filipe, os cozinheiros da Catunda, dois cabras experimentados em ponto de açúcar, que conheciam de longe o que a cana dava. Aqueles cabras não aguentavam a menor repreensão. Eram os importantes da fábrica. Grito com eles não ia. Não estavam ali para aguentar abuso. E ele tinha que se conformar (REGO, 2006. p. 768).

Retomam-se gradativamente na narrativa de *Usina* as informações das falas do “cozinheiro” e do comerciante na cena inicial, no trem que se aproximava do Santa Rosa; mas, adiante na segunda parte do romance, através do ponto de vista do Dr. Juca: o coronel reconhecia a suscetibilidade dos “cabras” que possuíam algum conhecimento específico nas atividades técnicas de produção do açúcar; os trabalhadores recebiam vale para a comida em vez de plantar para a própria subsistência. E as observações das mudanças se acompanham da avaliação delas sob a perspectiva do coronel: “satisfeitos da vida, como se a vida só tivesse de grande para lhes dar aquela miséria que desfrutavam”(REGO, 2006. p. 268).

A crise no preço do açúcar interfere nos lucros do Dr. Juca e impede o reembolso do investimento que fizera para transformar o engenho em usina. Além disso, a maquinaria que havia comprado a preço baixo revela-se problemática. As dívidas do coronel, conforme se vai revelando no desenvolvimento do enredo, eram motivadas também por um

desperdício e ostentação que não condiziam com o risco da empresa em que se metera. O processo de decadência econômica acompanha-se do desprestígio que se acumula diante de seu clã familiar, a parentada proprietária rural que tinha sido envolvida por ele na empreitada de fundação da usina. Apresentam-se cenas que caracterizam a perda de uma das prerrogativas importantes de sua condição de patriarca (VAINFAS, 2010. p. 162), com o afrouxamento da vigilância sobre o comportamento das filhas, que passam a conviver com a mulher de Mr. Richard, o químico norte-americano que havia contratado para modernizar a produção. Revela-se o conflito com o comportamento de estrangeiros que, como em outros tópicos, reforça o diálogo inicial do trem. A falta de pulso do marido em relação às amizades de suas filhas com D. Mary, esposa de Mr. Richard, mal vista devido a seus hábitos inusitados para a moralidade nordestina, misturam-se aos registros da narrativa sobre as perdas sucessivas nos negócios:

A usineira refletia: não devia nunca ter feito aquela amizade. Culpado de tudo fora o Juca. E se fosse verdade o que contavam da americana? Iaiá Soares lhe dissera que na Paraíba se falava que D. Mary não era casada, que fora rapariga (REGO, 2006. p. 845).

Fica claro que apenas a atuação da esposa, que passa a ter maior destaque no romance à medida que o coronel decai, pode salvar as filhas de serem desmoralizadas, conseguindo para elas um casamento. A *persona* do coronel vai sendo desmoralizada como chefe de família e como responsável pelo empreendimento do clã. A derrocada nos negócios começa a se refletir no próprio corpo do Dr. Juca: manifesta uma doença degenerativa que já se revelara em outro antepassado. Sua decadência física vai sendo registrada em paralelo à falência econômica e ambas culminam simultaneamente com a perda dos movimentos do corpo e com a entrega de sua propriedade a outro coronel que se revelara mais prudente e hábil na adaptação à modernização no campo, o Dr. Luís.

A perda de controle do coronel vai afetar o equilíbrio de relações entre os indivíduos em setores-chaves da organização de sua propriedade: o vendeiro não consegue reagir adequadamente ao colapso do sistema estabelecido para exploração da venda de alimentos para os trabalhadores do eito e não sabe o que fazer diante dos retirantes famintos que chegam àquelas paragens; os habitantes das propriedades vizinhas retiram lenha sem respeito aos limites das terras do Dr. Juca; a polícia passa a não respeitar o código de autoridade do coronelismo, ameaçando punir o malfeito de seu filho e de seu capanga.

Constroem-se aos poucos, no romance, situações que demonstram como essa desordem afeta o destino do moleque Ricardo: o vendeiro, seu patrão, se torna cada vez mais agressivo e desrespeitoso. Também o fato de ter passado a morar com uma mulher que é mal vista no local passa a ser motivo de conflitos para o jovem negro. O desfecho à saga do ciclo da cana-de-açúcar, que marca a decadência final do Santa Rosa, antiga propriedade familiar e do herdeiro que tentara modernizá-la, o coronel Juca, é precedida pela morte de Ricardo. Ambas as situações têm colorações trágicas, sublinhando a importância dos dois personagens no romance e na arquitetura da saga.

A morte de Ricardo devolve a dignidade do personagem, sua preocupação com os mais fracos, que não pôde se exprimir devidamente, pela experiência no meio urbano, narrada no romance *Moleque Ricardo*, pelos rumos adotados nas lutas sociais em Recife – conforme aquele livro anterior procurava caracterizar e induzia a ser avaliado. O jovem negro enfrenta a morte resgatando a identificação com aqueles que foram vítimas da opressão econômica, fazendo um gesto suicida que renegava o imobilismo ou a

impossibilidade de agir diante de todas as injustiças que testemunhara: permite aos famintos retirantes invadirem a venda de seu patrão e é morto por esse gesto heroico (REGO, 2006. p. 908).

Quanto à decadência do poder do Dr. Juca, é relatada gradativamente através do ponto de vista do coronel, que analisa os sintomas desta em sua propriedade. Transforma-se quase sempre essa avaliação em cenas em que se explora a visão panorâmica do coronel sobre o espaço, como no trecho do penúltimo capítulo do livro: “D. Dondon chorava no seu quarto e o Dr. Juca do alpendre olhando a grandeza que fora sua. A chaminé da Bom Jesus mirava as terras que foram do Dr. Juca, as terras de seus partidos” (REGO, 2006. p. 915). O olhar do coronel sobre a decadência de suas terras é cruzado pelo “olhar” imponente da chaminé da usina animizada. Essa caracterização reforça-se no encerramento do capítulo:

Lá por dentro a usineira chorava.  
E, no alpendre, o usineiro olhava o sol de junho, o tempo bom de chuva.  
E nem um cabra no eito puxava a enxada por sua conta. Um grito dele ali ecoava em vão, pelas terras mortas do Santa Rosa (REGO, 2006. p. 915).

O romance se encerra com o reconhecimento do coronel do estágio final da decadência de seu poder, ironicamente tendo que se refugiar das enchentes e da perda de sua propriedade na caatinga, local para onde partiam os trabalhadores do eito, expelidos do processo de modernização que tentara implantar:

O usineiro e a família fugiam para a caatinga. Para ali o Dr. Juca sacudira o povo da várzea, com usura das terras para a cana.  
D. Dondon pediu para o carro parar, para o marido ver o rio. O Dr. Juca olhou e viu a Bom Jesus lá embaixo com a sua chaminé vermelha (REGO, 2006. p. 919).

O olhar do coronel registra a invasão do rio sobre o espaço que outrora dominara e a presença imponente da chaminé da usina que personifica, no fim do romance mais uma vez, o novo tipo de poder instituído no espaço rural.

## **Conclusão**

O modo com que o processo de modernização esmagou os dois protagonistas, cujos olhares e pontos de vista se complementam no romance, contrasta com a proeminência da chaminé da usina sobre aquele espaço.

A perspectiva do autor sobre a sociedade patriarcal e o advento de relações de trabalho identificadas com a modernização capitalista fica matizada pelo jogo entre as percepções destas de um proletário e de um coronel, absorvidas na narrativa através das apropriações do discurso do outro (CUNHA, 2002). Esses personagens, que se alternam no protagonismo da ação e na interferência na perspectiva adotada no discurso narrativo, aos poucos angariam a simpatia do leitor pelo reconhecimento de suas fragilidades diante de um processo que impiedosamente destrói o que existe de bom ou mal na ordem social que vai sendo substituída e repercute em todos os campos de relações humanas. Chegam a adquirir, pelo fato de refletirem um processo que afeta toda uma região, o caráter alegórico; e, pelo peso com que essas forças trazidas de fora para dentro desse espaço se abatem sobre eles, atingem a estatura heroica.

Portanto, em *Usina* de José Lins do Rego, as repercussões das transformações

históricas impulsionadas grandemente por fatores econômicos passam a ser avaliadas no âmbito da cultura local, das relações humanas, dos hábitos e práticas cotidianas, das figuras que povoam aquele espaço que passa a representar uma amostragem da região. Fica corroborada, quanto a essa obra, a observação de José Maurício de ALMEIDA (1981. p. 165) sobre o conjunto da literatura regionalista nordestina de que esta é motivada por um “forte cunho de saudosismo” diante da “descaracterização” da região nordeste.

E, no entanto, acrescento a essas observações do crítico, o caráter dialógico de obras, como os romances *Usina* e *Moleque Ricardo*, permitem oferecer um painel alternativo de caminhos de compreensão do processo histórico transformado em um drama da modernização por essa pluralidade de vozes.

## Referências Bibliográficas

- [1] AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua*. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- [2] \_\_\_\_\_. “Sobre a dificuldade de ler”. *Revista Cult*, n. 180, pp. 46-47, 2013.
- [3] ALMEIDA, José Maria Gomes de. *A tradição regionalista no romance brasileiro*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.
- [4] CUNHA, Dóris de Arruda Carneiro da. “Uma leitura da abordagem bakhtiniana do discurso reportado”. *Investigações - Linguística e Teoria Literária*, v. 2, p. 105-117. Recife: UFPE, 1992.
- [5] GALVÃO, Walnice Nogueira. *Saco de gatos: ensaios críticos*. São Paulo: Duas Cidades, 1976.
- [6] REGO, José Lins do. O Moleque Ricardo. In: *Ficção completa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2006. p. 473-672.
- [7] \_\_\_\_\_. *Usina*. In: *Ficção completa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2006. p. 673-919.

---

<sup>i</sup> Victor Hugo A. PEREIRA, Professor Associado de Teoria da Literatura da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).